

Erick Vinicius Pereira Lopes

Alexandre Magno Alves Diniz

Pichações Metropolitanas

o comportamento espacial dos grupos de pichadores na RMBH-MG

Resumo

Este estudo trata da relação entre a pichação e o contexto geográfico metropolitano. Explora-se a presença de pichações, pichadores e grupos recorrentes em três importantes centralidades da RMBH-MG: Hipercentro de Belo Horizonte, bairro Eldorado, em Contagem, e bairro Esperança, em Ribeirão das Neves. O estudo está baseado no levantamento primário de informações, catalogação e mapeamento das pichações e assinaturas de grupos de pichadores encontrados nesses três espaços. Os resultados indicam que o comportamento espacial dos pichadores está estreitamente conectado ao contexto metropolitano, utilizando-se dos seus principais eixos viários de integração para espalhar as suas marcas e estabelecer a sua presença nas centralidades metropolitanas estudadas.

Geografia cultural

Territórios

Pichação

RMBH

Abstract

This study deals with the relationship between graffiti and the metropolitan geographic context. We explore the occurrence of graffiti, taggers and tagger groups in three important centralities of the RMBH: Hipercentro de Belo Horizonte, Eldorado neighborhood in Contagem and Esperança neighborhood in Ribeirão das Neves. The study is based on primary information gathering, cataloging and data mapping. The results show that the spatial behavior of the taggers is intimately connected to the metropolitan context, using its main integration road networks to spread their tags and establish their presence in the metropolitan centralities of reference.

Cultural geography

Territories

Graffiti

RMBH

INTRODUÇÃO

O processo de metropolização contemporâneo tem gerado profundas alterações na configuração espacial e na natureza das metrópoles brasileiras, além de estender a espaços cada vez mais distantes a sua trama de relações e significados, atraindo para os núcleos metropolitanos intensos fluxos de pessoas, mercadorias e informações (MOURA, 2013). Trata-se de processo complexo e dinâmico que, como sugere Davidovich (2001), abrange o entorno contíguo das metrópoles, definido pela acessibilidade e pela circulação. Como processo, a metropolização está intimamente relacionada à urbanização, mas não se reduz a ela, uma vez que é fruto de um conjunto de complexos processos socioeconômicos, políticos e culturais (DINIZ; ANDRADE, 2015). Portanto, essa deve ser entendida como uma metamorfose do processo de urbanização, responsável pela emergência de arranjos espaciais em contínua expansão e desconfiguração da cidade tradicional monocentral (MOURA, 2013; LENCIONI, 2020).

Ao se dispersar no espaço e alterar as estruturas pré-existentes, a “metropolização leva consigo hábitos e valores sociais que, até então, eram característicos do viver em metrópole” (LENCIONI, 2020, p. 175-176). Esse processo disruptivo reforça aglomerações descontínuas, dispersas e com contornos nem sempre discerníveis. Um dos atributos mais proeminentes do processo abarcado diz respeito à crescente interdependência funcional que se estabelece no espaço metropolitano, onde se intensificam os movimentos pendulares (MOURA, 2013).

A Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) abarca um espaço complexo e dinâmico do qual o processo de metropolização segue inexoravelmente a marcha. Atualmente com 34 municípios marcados por diferentes realidades socioeconômicas e dinâmicas metropolitana (Mapa 1), a referida região possui uma área total de 9.471,7 km², com a estimativa da população total em 2020 de 5.392.436 habitantes e com o Produto Interno Bruto (PIB) de R\$ 180.535.516,86 em 2017 (IBGE, 2020).

O processo de metropolização na RMBH iniciou-se na década de 1940, a partir do desenvolvimento do vetor de expansão na direção oeste, com a implantação da Cidade Industrial de Contagem (em 1946) e do prolongamento da Avenida Amazonas. Outro importante vetor se desenvolveu na direção norte, a partir do complexo turístico e de lazer da Pampulha, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1963 e do Estádio Mineirão em 1965, favorecido, ainda, pela construção da Avenida Presidente Antônio Carlos, em direção a Ribeirão das Neves (DINIZ;

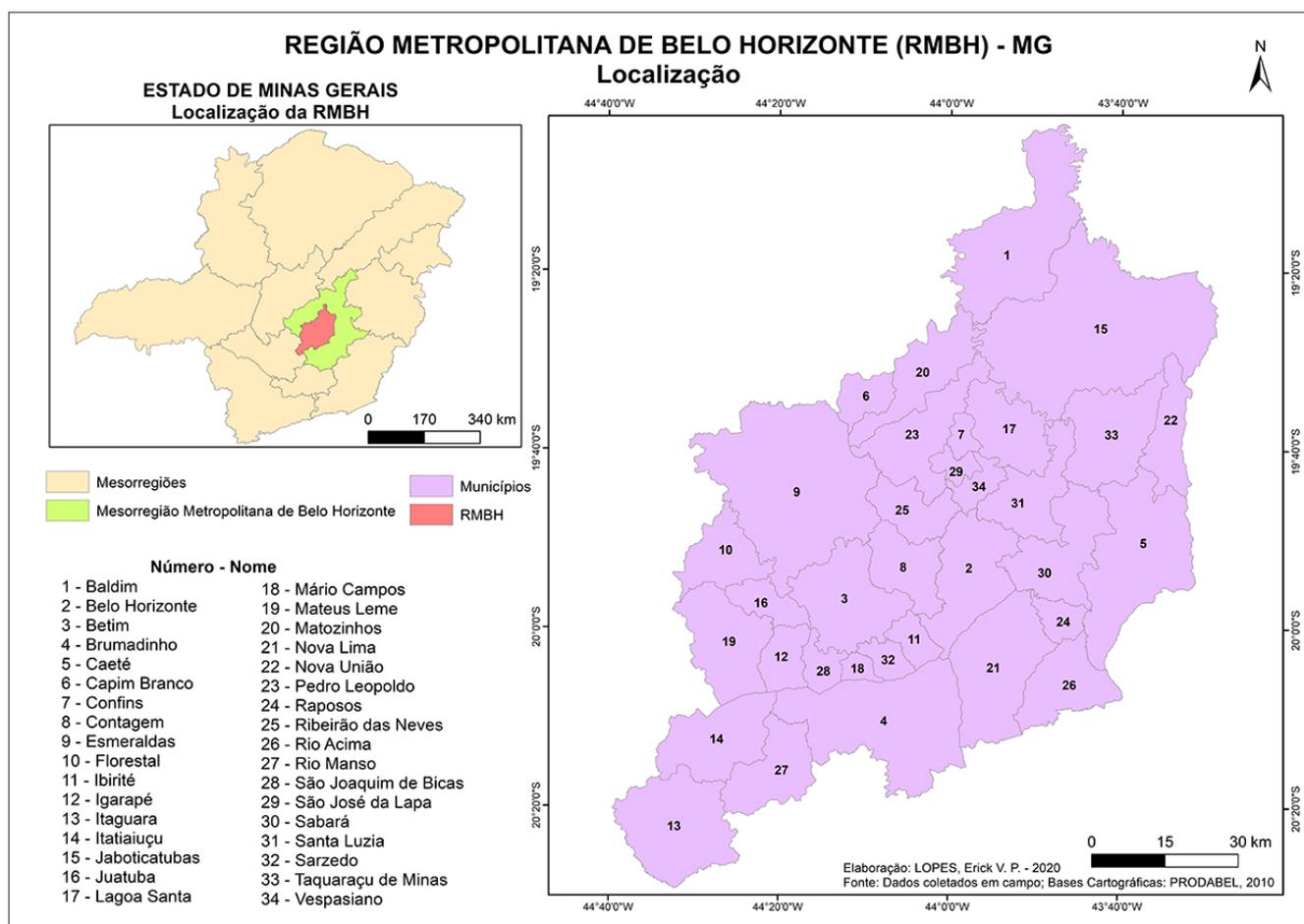
ANDRADE, 2015). Em função da antiguidade do processo de metropolização e da proximidade física com a metrópole Belo Horizonte, Contagem e Ribeirão das Neves apresentam forte integração com a capital mineira.

Um dos grandes indicadores de integração dos municípios metropolitanos são os movimentos pendulares. No âmbito da RMBH, registrou-se, entre 1982 e 2010, uma intensificação desses fluxos, relacionada à ampliação da infraestrutura viária, ao crescimento populacional, à crescente integração entre núcleos urbanos, bem como à desconcentração de funções urbanas (Ibid.). Neste contexto, Belo Horizonte sobressai como o maior receptor dos movimentos pendulares, enquanto Contagem é a principal origem desses movimentos; e Ribeirão das Neves obtém o maior saldo negativo, tendo em vista a sua alta evasão e baixa atratividade.

Entre os fenômenos culturais mais evidentes das paisagens urbanas na RMBH figuram os grafismos urbanos, que são qualquer expressão considerada artística ou não, produzida geralmente manualmente com o intuito de passar-se mensagem e que possua como suporte a cidade (RAMOS, 1994). Entre esses, destacam-se as pichações, que representam demarcações simbólicas das paisagens urbanas, sob a forma de marcas, palavras, signos, cores, formas e desenhos no ambiente urbano. Essas marcas, por sua vez, além de fazerem parte da construção da notoriedade e distinção do pichador na subcultura da pichação, também representam uma forma de expressão e crítica aos valores sociais, grupos de poder e meios de produção hegemônicos (LOPES, 2020).

Assim, o presente estudo tem como objetivo analisar o comportamento espacial dos pichadores que operam em três das principais centralidades da RMBH (Hipercentro de Belo Horizonte, parte do bairro Eldorado, em Contagem, e parte do bairro Esperança, em Ribeirão das Neves), buscando evidências alternativas sobre o processo de metropolização.

A justificativa reside no fato de que, apesar da dimensão cultural ser parte intrínseca das relações intrametropolitanas e intermunicipais, ela tem sido negligenciada pela literatura. Os estudos sobre integração metropolitana são baseados em dados de pendularidade, centrados nos censos demográficos e nas pesquisas de origem e destino (O-D), ficando secundarizado nessas análises o modo como as pessoas circulam com a finalidade de recreação, lazer ou diversão. Este trabalho também é oportuno, porque o processo de metropolização faz com que os hábitos culturais e os valores urbanos típicos da metrópole se difundam pelo espaço metropolitano, chegando a áreas cada vez mais distantes. A identificação de gru-



Fonte: IBGE, 2010.

Mapa 1:
Região
Metropolitana
de Belo
Horizonte -
Minas Gerais

pos de pichadores que operam em distintas centralidades é sugestiva do espraiamento dessas práticas pelo tecido metropolitano.

Para atender aos objetivos propostos, a metodologia baseou-se em conceitos e práticas associados à Geografia Cultural e Urbana, refletindo sobre os recortes espaciais definidos no Mapa 2.

O levantamento de dados e as subseqüentes comparações em relação às pichações encontradas nas três áreas seguiram os procedimentos metodológicos estabelecidos por Diniz e outros (2015, 2017, 2019). Esses procedimentos são divididos em oito etapas: definição dos recortes espaciais; definição dos roteiros a serem seguidos durante os trabalhos de campo (os dados foram coletados em Belo Horizonte no ano de 2017 e, em Contagem e Ribeirão das Neves, em 2018); realização de registros fotográficos das pichações; utilização de um formulário de observação composto de 14 variáveis que orientaram o processo de catalogação e caracterização das pichações, das quais apenas três serão apresentadas neste trabalho: localização das pichações, se as pichações trazem ou não a identificação dos grupos de pichadores, e, em caso positivo, o nome do grupo.

Ao término do trabalho de campo, as informações foram incorporadas a uma planilha de dados alfanuméricos em ambiente IBM SPSS[®]; sendo que posteriormente foram realizadas análises estatísticas descritivas, incluindo a geração de frequências simples e medidas gráficas, que estão aqui apresentadas sob a forma de elementos gráficos elaborados a partir do Microsoft Excel[®].

Os dados referentes às coordenadas geográficas foram importados em ambiente ArcGIS[®]; e, por fim, para identificar a principal área de atuação dos grupos, foram realizados mapas isopléticos com a técnica de Kernel (densidade de pontos). Esses mapas representam a distribuição espacial das densidades de pontos, demonstrando a concentração desses nas chamadas “ilhas de calor”, onde as áreas com maior densidade têm cores mais fortes e vibrantes, enquanto as áreas com menor densidade são representadas por cores mais fracas e sutis. Tal constatação baseia-se no acúmulo de registros em localidades próximas, mostrando a tendência de ocupação dos pichadores, que não é aleatória. Tendo em vista a grande quantidade de grupos de pichadores operando nas três áreas de estudo, optou-

se por representar cartograficamente apenas os cinco grupos mais atuantes.

TERRITÓRIOS CULTURAIS GRÁFICOS DA CIDADE

A pichação é um fenômeno que nos acompanha desde o paleolítico (cerca de 40 mil anos atrás) e que apresenta evidências da sua presença em várias culturas e lugares ao longo do tempo, seja entre os egípcios, romanos, vikings e maias, seja entre os contraculturalistas e os adeptos da cena Hip-Hop no século XX (LOPES, 2020).

A pichação pode ser considerada uma forma de manifestação cultural, apresentando dimensão material (a escrita nas paredes e muros) e imaterial (envolvendo todo o jogo de poder, territorialização e territorialidades nela impregnados). Está presente quase que ubiquamente nos centros urbanos, trazendo grafias ilegíveis aos não iniciados na cultura da pichação, além de uma estética marginal, contestatória e avessa ao *mainstream*.

Em grande medida, os pichadores são indivíduos oriundos de áreas denominadas periféricas ou marginalizadas, marcadas pela exclusão e segregação sociais, que buscam por meio da pichação dar voz aos seus sentimentos e experiências no espaço urbano. Desta forma, a pichação representa uma forma de protesto contra a ordem vigente, que lhes nega uma série de direitos. Ao deixar as suas marcas nas paisagens urbanas, os pichadores buscam a maior visibilidade possível, fato que confere às centralidades metropolitanas, como os três recortes analisados neste estudo, grande relevância.

A compreensão do comportamento espacial dos pichadores não pode prescindir do aporte de alguns conceitos, tais como o de território e territorialidade. O território é um espaço de identidade cultural, de identificação e de pertencimento. Esse espaço é “defendido, negociado, cobiçado, perdido, sonhado cuja força afetiva e simbólica é forte”. Esses aspectos são caros ao processo de construção, manutenção e relações dos territórios (MEDEIROS, 2008, p. 218), encontrando forte conexão com o comportamento dos pichadores.

Segundo Raffestin (2009), esses processos ocorrem por meio de apropriações concretas ou simbólicas de determinado espaço. A partir disso, um grupo se sente pertencente ou parte de uma fração do território, uma vez que a paisagem ali presente é por ele resignificada, quando sobre ela são impostas as marcas desse grupo. “As territorialidades geram as identidades que, por sua vez, influenciam nas próprias territorialidades e na formação dos territórios e seus

patrimônios.” (SAQUET; BRISKIEVICZ, 2009, p. 10). Dando suas significações intrínsecas, modos de vivências e culturais às parcelas dos espaços.

Mas sem o substrato oferecido pelo espaço da cidade, essas relações seriam impensáveis. [...] O território não é feito de poeira cósmica, mas construído a partir do espaço constituindo-se resultado de uma apropriação concreta ou abstrata.” Deste modo, “o espaço urbano é um organismo vivo e complexo, onde múltiplas dimensões se integram e se articulam estabelecendo formas, contornos, relações e vivências diversas. (DINIZ; FERREIRA; LACERDA, 2019, p. 87-88). A cidade é apropriada por diferentes grupos sociais constituindo-se “como fator de coesão e de integração das comunidades, dos grupos e dos espaços [...]”, tendo-se “[...] uma relação espacialmente hierarquizada com os diferentes ‘territórios’ do urbano – sejam econômicos, políticos, culturais ou sociais.” (BARRETO, 2010, p. 39).

Em função de atributos físicos (morfologia, geologia, hidrologia etc.) da infraestrutura instalada (equipamentos de transporte, eixos viários, entre outros), das funções urbanas presentes (comércio, serviços, administração pública e afins), certas cidades destacam-se na rede urbana, da mesma forma que internamente alguns setores da cidade também ganham proeminência, construindo-se centralidades urbanas. A condição de centralidade (característica eminente de toda metrópole) é tida como o lugar onde convergem fluxos de diversas naturezas e onde se encontram concentrados importantes equipamentos e funções urbanas, além de poder político e econômico (CASTELLS, 1999; BARRETO, 2010).

Nesse sentido, as metrópoles destacam-se em relação às centralidades, tanto material quanto simbólica, que exercem sobre o seu espaço interno e o seu entorno.

[...] a formação das metrópoles decorre da intensificação do processo de urbanização e reflete o desenvolvimento de pelo menos um núcleo urbano (uma cidade nuclear), em torno do qual se desenvolvem outros núcleos urbanos a ele articulados, integrados e, finalmente, conurbados. (BALBIM *et al.*, 2011, p. 151).

Cabe ressaltar que a conurbação representa a “ação de reunir em um todo diversos núcleos e cidades pela unificação das suas malhas urbanas, respeitando uma hierarquia funcional [...]” (MEYER, 2000, p. 7). Uma das principais características da metrópole é sua habilidade de se fundir fisicamente com os centros urbanos ao seu redor, derivada do intenso magnetismo que ela exerce sobre o seu entorno. Por

sua vez, a conurbação encontra-se fortemente vinculada à metropolização e ao processo de formação de RMs.

A metropolização consiste em um processo de integração de território a partir de uma cidade-núcleo, configurando um território ampliado, em que se compartilha um conjunto de funções de interesse comum. A metropolização expressa, portanto, a concentração de pessoas, investimentos, atividades e poder em uma cidade [...] que pode comandar um território maior do que o da cidade-núcleo e desempenhar papéis de comando e de poder importantes [...]. (BALBIM *et al.*, 2011, p. 152).

O processo é concebido em suas dimensões materiais e imateriais, sua centralidade e seu papel formador e fomentador de suas regiões. “Tudo aquilo que ‘ganha corpo’ na vida metropolitana exprime as relações estabelecidas em todas as suas esferas de vida social e produtiva, convertendo-se em expressão e não em reflexo dessas relações.” (MEYER, 2000, p. 5). Dessa forma, as trocas e os fluxos têm natureza diversa, com destaque para as dimensões social, física, produtiva, econômica e cultural.

Porém, é importante destacar que no caso brasileiro existe uma nítida distinção entre o processo de metropolização e o estabelecimento de RMs, sendo o primeiro um processo natural e socioeconômico, enquanto o segundo é resultante de um processo político. No Brasil, “nem todas as regiões metropolitanas são de fato metropolitanas ou têm todos os seus municípios integrantes com características que permitem defini-los como metropolitanos.” (FREITAS-FIRKOWSKI; BALASKI, 2018, p. 639). Tal fato ocorre porque, a partir de 1988, quando as RMs passaram a ser criadas e definidas pelos estados, várias unidades da federação criaram arbitrariamente RMs sem qualquer critério técnico, antecipando a possibilidade de auferir vantagens econômicas e benefícios fiscais.

Outro atributo das RMs que interessa ao presente artigo é o seu nível de integração interna, tradicionalmente mensurado empiricamente com base nos fluxos estabelecidos entre as suas partes integrantes, com destaque para a mobilidade pendular. Segundo Moura, Branco e Firkowski (2005), essa classe de deslocamentos representa a ida e vinda dos indivíduos entre os locais de residência e aqueles onde desempenham as suas atividades cotidianas, que, no caso de RMs, abarca relações intermunicipais próximas, por motivos diversos, como trabalho, estudo e lazer.

Assim, os espaços metropolitanos são marcados por intensos intercâmbios, inspirando a noção de

“espaço de fluxos” de Castells (1999), que representa a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos. Santos (1979), por sua vez, concebe a presença de fixos (estruturas físicas, incluindo equipamentos urbanos e cidades, por exemplo) e fluxos (deslocamentos/movimentos estabelecidos entre os fixos) no âmbito do espaço geográfico. Dessa forma, além de apresentarem os “espaços de fluxos” (relações entre territórios), as RMs também apresentam “espaços de fixos”, com a constante alteração e compartilhamentos de suas estruturas físicas.

Esses conceitos são importantes para a compreensão do comportamento espacial dos grupos de pichadores na RMBH em sua conexão com a metropolização, que passaremos a explorar na próxima seção.

GRUPOS DE PICHADORES E A INTEGRAÇÃO METROPOLITANA

O fenômeno da pichação brasileira é marcado pela presença de indivíduos que picham de forma independente, em conexão com grupos ou bondes de pichadores, ou, ainda, de modo híbrido. Neste estudo, voltamos a atenção para a presença de grupos de pichadores que pendulam entre as três centralidades metropolitanas de referência, utilizando os principais eixos viários integradores da RMBH para ampliar o escopo espacial da sua atuação, juntamente com o número e a visibilidade de suas marcas coletivas.

São numerosos os grupos de pichadores que atuam na região, utilizando assinaturas e/ou símbolos específicos que os identificam e notabilizam na paisagem urbana. São organizados de modo informal, calçados em vínculos de amizade e solidariedade entre os adeptos da pichação, contando com números que variam de alguns poucos indivíduos até dezenas/centenas de pichadores. De modo geral, eles se originam em regiões ou bairros específicos da cidade, sendo fortes os vínculos de pertencimento entre os seus integrantes, que costumam encarar esses grupos como verdadeiras famílias.

O prestígio desses grupos está associado à sua maior ou menor presença no espaço urbano, e, sobretudo, pela capacidade de fazer-se notar em locais mais evidentes e/ou com maior grau de dificuldade, seja em função da vigilância, do aparato repressivo ou em função da acessibilidade física. Naturalmente, os grupos mais renomados são mais seletivos em relação aos seus integrantes, exigindo portfólios mais robustos dos seus adeptos.

As primeiras evidências da importância dos grupos de pichadores nas centralidades metropolitanas em questão podem ser encontradas no Gráfico 1.

Note-se que, do conjunto de pichações presentes nos três recortes estudados (5.319), aproximadamente a metade (48,5%) está acompanhada das assinaturas dos grupos. Existe certa equivalência nessa proporção nas três centralidades, com um ligeiro destaque para Belo Horizonte (49,3%), mas com números muito próximos em Contagem (47,6%) e Ribeirão das Neves (45,8%). Tal fato pode estar associado à hierarquia das centralidades, uma vez que pichadores e grupos de pichadores buscam sempre a maior visibilidade, notoriedade e ousadia possível para as suas marcas (CEARÁ; DALGALARRONDO, 2008), priorizando, tanto física quanto simbolicamente, Belo Horizonte (metrópole), Contagem (extensão do polo metropolitano) e Ribeirão das Neves (cidade-dormitório) (DINIZ; ANDRADE, 2015), nessa ordem.

Outra evidência para a relação entre o nível hierárquico das centralidades metropolitanas e a atuação dos pichadores está inequivocamente presente no Gráfico 2. Note-se que em Belo Horizonte foram encontrados 235 diferentes grupos de pichadores, contra 114 em Contagem e 44 em Ribeirão das Neves. Portanto, o hipercentro de Belo Horizonte, por contar com uma população flutuante diária de mais

de um milhão de pessoas (Ibid.), constituindo-se a maior e a mais influente centralidade metropolitana, contabiliza 59,7% dos grupos catalogados nesta pesquisa. Contagem posiciona-se em segundo lugar (29%), tendo em vista sua característica de subcentro, com visibilidade menor, e Ribeirão das Neves, em última posição (11,3%), devido às maiores atividades residenciais.

Buscando explicitar o comportamento espacial dos pichadores e sua conexão com o processo de metropolização na RMBH, voltamos a atenção para os cinco grupos de pichadores mais expressivos que atuam de modo concomitante nas três áreas de estudo (Gráficos 3 e 4). Esses cinco grupos foram responsáveis por 387 pichações no total, com o primeiro grupo apresentando 42,8%; o segundo com 37,9%; o terceiro com 12,6%; o quarto com 3,4%; e o quinto com 3,3% das pichações encontradas nas três áreas. Chama a atenção o fato de que os cinco grupos de pichadores em questão têm a sua gênese relacionada a Belo Horizonte, sendo que os três primeiros grupos são grifes, ou seja, associações que congregam pichadores renomados e com amplo histórico e diverso portfólio de pichações na cidade, enquanto o quarto e quinto grupos constituem-se

Gráfico 1: Pichações com marcações de grupos nas áreas de estudo

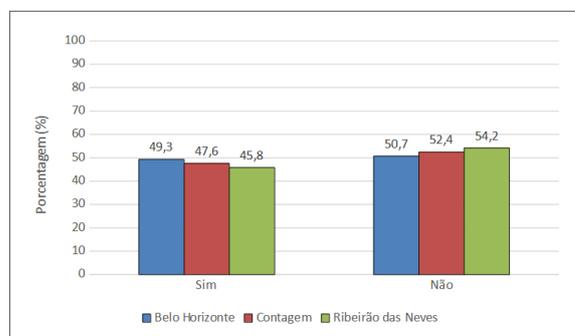
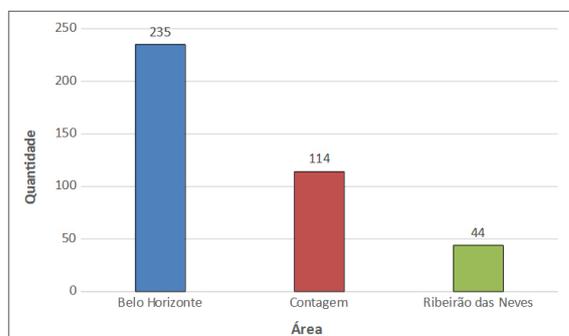


Gráfico 2: Quantidade de grupos encontrados nas áreas de estudo



Fonte: Dados da pesquisa, 2017, 2018.

Gráfico 3: Quantidade de pichações dos cinco grupos mais atuantes nas áreas de estudo

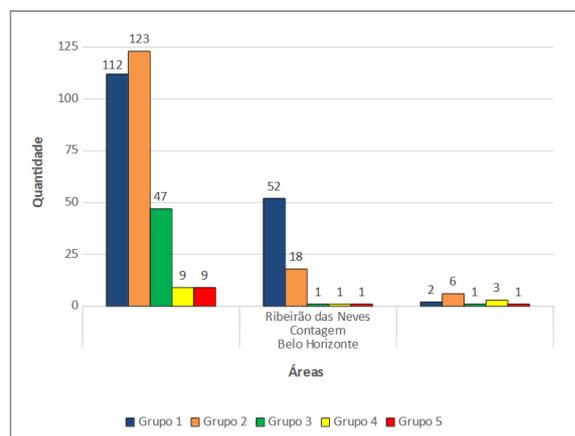
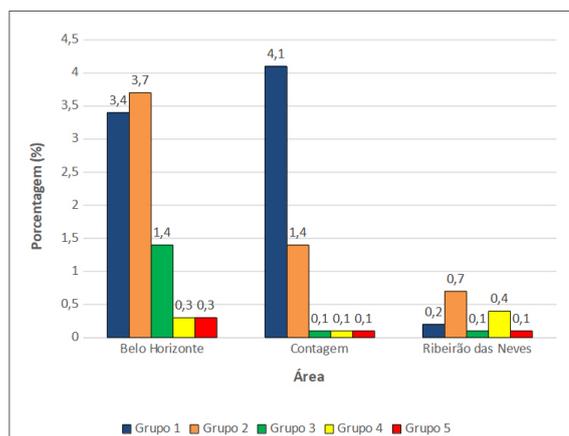


Gráfico 4: Porcentagem das pichações produzidas pelos cinco grupos mais atuantes nas áreas de estudo



Fonte: Dados da pesquisa, 2017, 2018.

agregações de menor impacto.

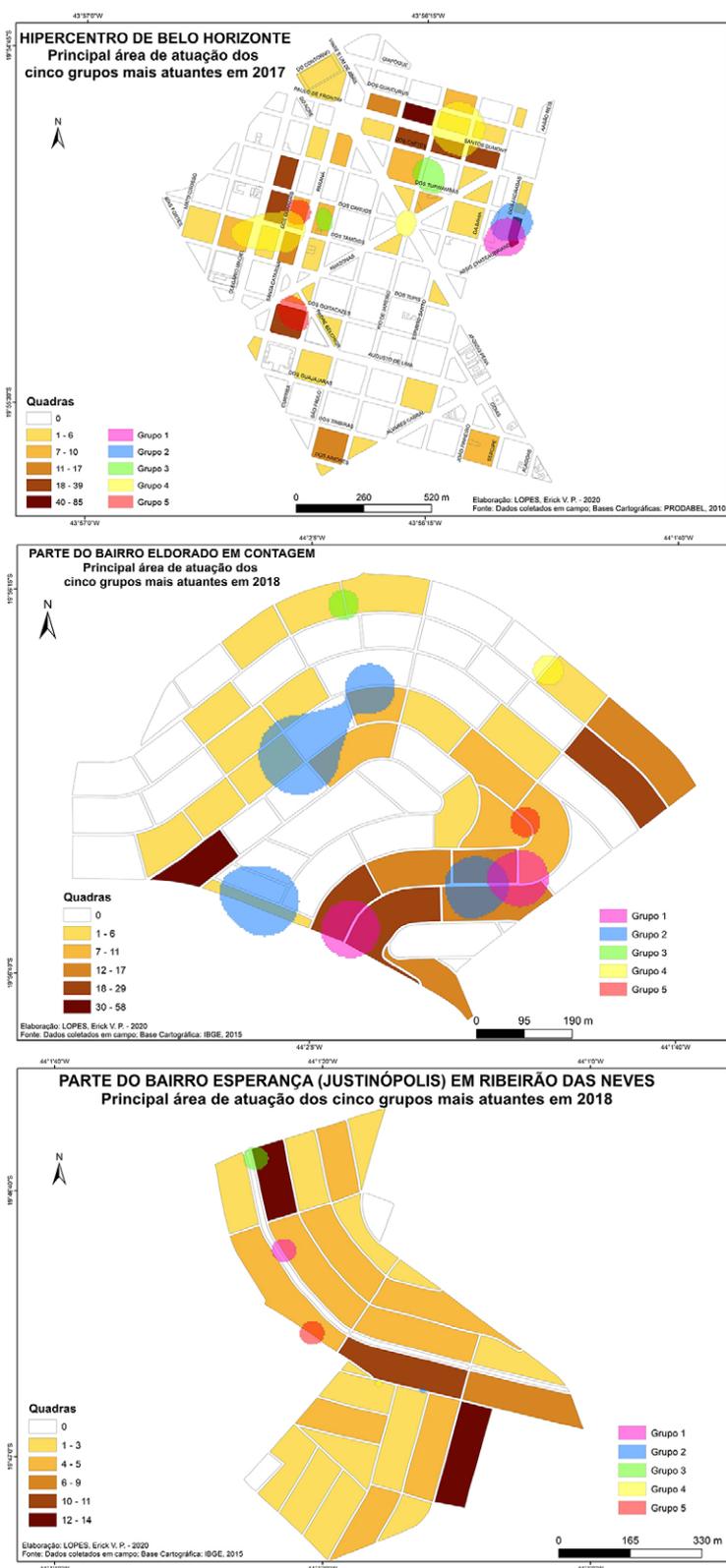
Pode-se ver uma intensa troca de relações, ao passo que os grupos se deslocam constantemente. Apesar de sua origem estar conectada a Belo Horizonte, esses grupos também deixam as suas marcas em Contagem e Ribeirão das Neves, que contam com maior integração e facilidade de acesso.

Analisando a distribuição espacial da atuação desses grupos (Mapa 3), destaca-se que, apesar de estarem engajados em constante disputa territorial e simbólica pela saturação das centralidades da RMBH, travando entre si uma guerra silenciosa (mas significativamente escrita), eles apresentam lógica espaço-territorial diversa, priorizando, nas três áreas estudadas, espaços específicos.

Essas escolhas espaciais estão associadas às áreas onde ocorre uma maior circulação de pessoas e veículos, principalmente de ônibus, e onde é forte a presença de estabelecimentos comerciais e prestadores de serviços. Por utilizarem, em grande medida, transporte público para se deslocar na RM, os pichadores reconhecem os principais eixos de circulação e articulação, utilizando as áreas adjacentes aos pontos de ônibus e estações de metrô, bem como os corredores de transporte como suporte para a sua demarcação. A ação dos pichadores, portanto, se apropria das conexões intrametropolitanas, reforçando-as com forte conteúdo simbólico.

Nota-se que a área de estudo localizada em Belo Horizonte apresenta diversas funções urbanas, tais como comercial, residencial, educacional, religiosa e administrativa. Dois grupos (grupos 1 e 2) têm sua maior atuação espacial no principal ponto de referência da cultura de rua da RMBH, no Viaduto Santa Tereza, conhecido popularmente como Santê (LOPES, 2020). Nas proximidades há equipamentos de lazer, como a Serraria Souza Pinto e o Parque Municipal Américo Renné Giannetti. Já no quadrante nordeste/norte, há dois grupos (grupos 3 e 4) que atuam de forma mais evidente nas proximidades da interseção das Avenidas dos Andradas com a do Contorno e com o viaduto que faz a ligação do bairro Floresta com o Centro, local marcado pela intensa movimentação de pessoas e veículos. Também estão concentrados nas proximidades da Avenida Santos Dumont, passagem obrigatória da maioria dos *Bus Rapid Transit* (BRT), localmente denominado de “Move” (há três estações nessa Avenida), onde também se encontra intensa atividade comercial. Nessa área há, ainda, a presença de equipamentos culturais (Centro Cultural da UFMG) e administrativos (BH Resolve) importantes.

A oeste tem-se três grupos (grupos 2, 4 e 5), cuja atuação se concentra na Avenida Amazonas, por onde circulam diversas linhas de ônibus e transeun-



Mapa 3: Principal área de atuação dos grupos de pichadores em Belo Horizonte, Contagem e Ribeirão das Neves

tes (intra e intermunicipais) e onde estão localizados diversos equipamentos comerciais, entre os quais se destaca o Mercado Central, importante comercial e culturalmente. Destaque-se, ainda, as pichações desses grupos localizadas ao longo dos principais corredores usados pelo Move: Rua Padre Belchior e Avenida Paraná (há quatro estações) e forte e variada atividade comercial.

Fonte: IBGE, 2010; PRODABEL, 2010; Dados coletados em campo, 2017, 2018.

Partindo do Hipercentro de Belo Horizonte, os principais eixos viários de acesso a Contagem são as Avenidas Amazonas, Dom Pedro II, Professor Clóvis Salgado, Xangri-lá, além da BR-040, BR-381 e da Via Expressa. Contagem também pode ser acessada por meio da Linha 1 do Metrô — Eldorado (Contagem) – Vilarinho (Belo Horizonte). No contexto e articulação metropolitanos, a estação de ônibus e metrô do Eldorado se destacam, pois ali convergem fluxos de passageiros oriundos ou destinados de Belo Horizonte, Contagem, Betim, Esmeraldas, Ibirité, Igarapé, Itaguara, Juatuba, Mateus Leme, Mário Campos, Ribeirão das Neves, Rio Manso e São Joaquim de Bicas (todos esses municípios da RMBH).

No bairro Eldorado de Contagem também se encontra, principalmente, as funções residencial, comercial, administrativa, religiosa, educacional e de saúde. A principal área de atuação de dois grupos (grupos 1 e 2) coincide com as Ruas José Faria da Rocha e Delfim Moreira, que são passagem obrigatória para praticamente todos os ônibus e veículos que se originam ou se destinam à estação de ônibus e de metrô do Eldorado. A sudoeste, observa-se também a presença desses dois grupos, com destaque para a Avenida João César de Oliveira, por onde transitam grande número de linhas de ônibus e circulam todos os dias milhares de veículos e transeuntes. O bairro Eldorado representa uma das principais centralidades da RMBH, abrigando grandes equipamentos comerciais, como o Big Shopping, além de unidades de saúde, como a Unidade de Pronto Atendimento Juscelino Kubitschek (UPA JK), equipamentos de administração, como a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e o Cartório Eleitoral de Contagem, entre outros.

O que desperta a atenção e sai do padrão são os grupos que operam a leste (grupo 5), nordeste (grupo 4), norte (grupo 3) e centro-oeste (grupo 2) da região, sendo áreas distantes das centralidades urbanas, caracterizadas como zonas residenciais, onde é baixa a movimentação de pessoas e veículos. Duas hipóteses podem ser aventadas para explicar esse padrão espacial não usual das porções leste e centro-oeste: algum integrante ou amigo do grupo ali reside ou trabalha (por estar localizado em pequenos galpões de indústrias e mecânicas, mas que, apesar disso, a movimentação e visibilidade é diminuída), representando as pichações um gesto de cortesia, sinal de amizade e reconhecimento; ou por ali viver um indivíduo que está em conflito com o grupo, sendo que as marcações ali impostas são uma provocação. Nas porções norte e nordeste, a presença de grupos está relacionada à proximidade com a estação de ônibus e de metrô do Eldorado, possivelmente por ter sido utilizada pelos integrantes dos grupos, mas também

por sua visibilidade, além de que nessa porção existe alguns comércios (principalmente de cunho alimentício).

Partindo do Hipercentro de Belo Horizonte, as principais vias de acesso a Ribeirão das Neves são a Avenida Presidente Antônio Carlos, Cristiano Machado, Vilarinho e as Ruas Maria Gertrudes Santos, Maria Lourdes da Cruz e Padre Pedro Pinto. A estação de ônibus e metrô da Vilarinho ganha destaque, pois é utilizada para se chegar até Ribeirão das Neves. Ali convergem fluxos de passageiros originados ou destinados a Belo Horizonte, Ribeirão das Neves, Santa Luzia e Vespasiano (todos esses municípios da RMBH).

Partindo do Eldorado em Contagem, as principais vias de acesso até Ribeirão das Neves são as rodovias BR-040, MG-432, MG-808 e a Rua Cerro Azul. A estação de ônibus e metrô do Eldorado tem seu destaque, como mencionado anteriormente. Em Ribeirão das Neves, há na área de estudo uma importante centralidade, com relativa concentração de equipamentos residenciais, comerciais, religiosos e educacionais. Ali, os grupos de pichadores estão dispersos e aparentam ter pouco contato entre si, provavelmente devido à distância percorrida por eles para chegar até a área. Porém, nota-se que eles procuram demonstrar sua influência e onipresença. Todos os grupos concentram a sua atuação nos principais eixos viários da área, sendo as Avenidas Canadá (grupo 1) e Tancredo de Almeida Neves (grupos 2 e 4), e as Ruas Wembley (grupo 3) e a México (grupo 5) os principais pontos, contando com intensos fluxos de ônibus, veículos, transeuntes e presença de comércios variados. Tem-se, ainda, os equipamentos educacionais, como a Escola Estadual José Joaquim Lages e comerciais, como diversas lojas automotivas.

Portanto, apesar das especificidades locais, os cinco principais grupos de pichadores atuantes nas três centralidades metropolitanas analisadas constroem os seus territórios e territorialidades em áreas marcadas pelo fácil acesso e grande circulação de pessoas, com destaque para os principais eixos de integração metropolitana. Nesse complexo e dinâmico “espaço de fluxos” (CASTELLS, 1999), os pichadores circulam pelo espaço deixando as suas marcas nos “fixos” (SANTOS, 1979) mais atraentes, seja por sua visibilidade ou simbolismo, em busca de notoriedade e distinção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metropolização contemporânea tem concentrado riqueza e poder nas metrópoles, ampliando os limites de sua área de influência. Na esteira desse processo,

observa-se a intensificação das conurbações, quando a metrópole lança os seus tentáculos ao longo dos grandes eixos viários, integrando espaços descontínuos e cada vez mais heterogêneos, trazendo para a sua área de influência direta múltiplas centralidades e espaços rurais. A vitalidade desse sistema depende da intensidade e capilaridade do seu sistema de circulação, onde fluxos materiais (pessoas, mercadorias etc.) e imateriais (informação, energia etc.) garantem não apenas a interatividade, mas, sobretudo, a interconectividade e a interdependência dos lugares. À medida que a metropolização promove a integração espacial, ela também leva aos espaços metropolizados a homogeneização de hábitos culturais e valores urbanos típicos da metrópole.

O exame do comportamento espacial de grupos de pichadores na RMBH ilustra esses processos, lançando luzes sobre a sua metropolização. Originalmente associado aos grandes centros urbanos brasileiros, a prática da pichação vem percolando a hierarquia urbana e utilizando os canais de metropolização para se difundir no espaço. Antes prática restrita ao Hipercentro de Belo Horizonte e a alguns bairros periféricos, hoje a pichação está presente em toda a RM, incluindo alguns espaços rurais.

Os resultados deste estudo revelam como alguns grupos de pichadores vinculados a bairros de Belo Horizonte espalham as suas marcas em três das principais centralidades da RMBH. Mas, além disso, os resultados demonstram a existência de grupos locais originados nos municípios de Contagem e Ribeirão das Neves (que não foram aqui destacados), confirmando os pressupostos teóricos sobre a homogeneização de hábitos e práticas metropolitanos. Além disto, demonstram que estão mais presentes na metrópole, mas que, pela facilidade de deslocamento e visibilidade, se encontram fortemente em Contagem e que, pelos mesmos motivos, mas de forma negativa, em menor quantidade em Ribeirão das Neves.

Afinal, os pichadores, assim como os demais cidadãos metropolitanos, transitam livremente entre os territórios municipais, ignorando os seus limites territoriais e as jurisdições espaciais das autoridades. Portanto, esses utilizam da metropolização e da conurbação, utilizando dos canais de comunicação, principalmente os percorridos pelos transportes públicos e transeuntes.

Por fim, gostaríamos de sugerir que a pichação pode vir a ser um indicador alternativo de mensuração do nível de integração municipal, intra e intermunicipal e intrametropolitana, extrapolando os dados de mobilidade presentes nos censos demográficos e nas pesquisas de O-D, tradicionalmente utilizados em estudos sobre metropolização, RMs, pen-dularidade e integração. A identificação das marcas

deixadas por um mesmo conjunto de pichadores em diferentes centralidades e ao longo de diferentes corredores de integração metropolitana tem o potencial de lançar luzes sobre o processo de metropolização, fato a ser confirmado e aprofundado em trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALBIM, Renato; BECKER, Maria Fernanda; COSTA, Marco Aurélio; MATTEO, Miguel. Desafios contemporâneos na gestão das cidades metropolitanas. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 120, p. 149-176, jan./jun., 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277261523_Desafios_contemporaneos_na_gestao_das_regioes_metropolitanas. Acesso em: 5 nov. 2021.
- BARRETO, Rogério. O centro e a centralidade urbana – aproximações teóricas a um espaço em mutação. **Cadernos Curso de Doutorado em Geografia** - FLUP, 2010. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8280.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2019.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CEARÁ, Alex; DALGALARRONDO, Paulo. Jovens pichadores: perfil psicossocial, identidade e motivação. **Psicologia USP**, v. 19, n. 3, 2008.
- DAVIDOVICH, Fany. Metrôpole e território: metropolização do espaço no Rio de Janeiro. **Cadernos Metrôpole**, n. 06, p. 67-77, 2001.
- DINIZ, Alexandre Magno; ANDRADE, Luciana. Metropolização e hierarquização das relações entre os municípios da RMBH. In: ANDRADE, Luciana; MENDONÇA, Jupira; DINIZ, Alexandre (ed.). **Belo Horizonte: transformações na ordem urbana**. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles; Belo Horizonte, MG: PUC - Minas, 2015.
- DINIZ, Alexandre; FERREIRA, Rodrigo; ALCÂNTARA, Sérgio. Pichação, paisagem e território no hipercentro de Belo Horizonte. **Caderno de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v. 22, n. 30, p. 85-103, 2015. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/article/view/P.2316-1752.2015v22n30p84>. Acesso em: 6 nov. 2019.
- DINIZ, Alexandre; FERREIRA, Rodrigo; LACERDA, Angélica. Territórios renitentes: os efeitos das políticas repressivas à pichação em Belo Horizonte (2011-2015). **Caderno**

- de Geografia**, v. 27, n. 50, p. 589-616, 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/p.2318-2962.2017v27n50p589>. Acesso em: 6 nov. 2019.
- DINIZ, Alexandre; FERREIRA, Rodrigo; LACERDA, Angélica. Territórios Verticais Grafismos Urbanos no hipercentro de Belo Horizonte. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 20, n. 71, 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/45174>. Acesso em: 6 nov. 2019.
- FREITAS-FIRKOWSKI, Olga Lúcia; BALISKI, Patricia. Os sentidos da metrópole: balanço conceitual com base nas publicações dos Cadernos Metrópole. **Cadernos da Metrópole**, São Paulo, v. 20, n. 43, p. 625-647, set./dez. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2236-99962018000300625&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 5 nov. 2021.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativa da população das Regiões Metropolitanas em 2020**. 2020. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25278-ibge-divulga-as-estimativas-da-populacao-dos-municipios-para-2019>>. Acesso em: 6 nov. 2019.
- LENCIONI, Sandra. Metropolização. **GEOgraphia**, v. 22, n. 48, 2020.
- LOPES, Erick. **A Metropolização da Pixação: evidências de Contagem e Ribeirão das Neves**. 2020. Monografia (Graduação em Geografia) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <http://bib.pucminas.br:8080/pergamumweb/vinculos/000076/000076e4.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- MEDEIROS, Rosa Maria. Território, Espaço de Identidade. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu. (Orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular UNESP, 2008.
- MEYER, Regina Maria. Atributos da metrópole moderna. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 4, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01028839200000400002. Acesso em: 5 nov. 2019.
- MOURA, Rosa. Configurações espaciais da metropolização brasileira. **E-Metropolis**, v. 4, p. 29-39, 2013.
- MOURA, Rosa; BRANCO, Maria Luisa; FIRKOWSKI, Olga Lucia. Movimento pendular e perspectivas de pesquisas em aglomerados urbanos. **São Paulo Perspectiva**, São Paulo, v. 19, n. 4, out./dez. 2005. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/2962/50370fd747fcc1910072afe9447ad27452df.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2019.
- RAFFESTIN, Claude. A produção das estruturas territoriais e sua representação. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- RAMOS, Celia. Maria. **Grafite, pichação & cia**. São Paulo: Annablume, 1994.
- SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- SAQUET, Marcos Aurélio; BRISKIEVICZ, Michelle. Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, n. 31, 2009. Disponível em: <http://agbpp.dominiotemporario.com/doc/CPG31A-3.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2019. ■

Erick Vinicius Pereira Lopes é geógrafo (licenciado e bacharel) pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial da PUC Minas. erick.viniciuspl@gmail.com

Alexandre Magno Alves Diniz é doutor em Geografia pela *Arizona State University* (Canadá), professor adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da PUC Minas e pesquisador do Observatório das Metrópoles - Núcleo RMBH. alexandremadiniz@gmail.com